Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

ESTÉTICA DA ATITUDE E A POÉTICA DA NEGRURA: LENDO O MUNDO COM OLHOS NEGROS

THE AESTHETICS OF ATTITUDE AND THE POETICS OF BLACKNESS: READING THE WORLD THROUGH BLACK EYES

ESTÉTICA DE LA ACTITUD Y POÉTICA DE LA NEGRURA: LEYENDO EL MUNDO CON OJOS NEGROS

Evandro Nunes de Lima
Universidade Federal de Outro preto - UFOP, Ouro Preto/MG, Brasil

Erisvaldo Pereira dos Santos
Universidade Federal de Outro preto - UFOP, Ouro Preto/MG, Brasil

Resumo

Investigamos como a Estética da Atitude e a Poética da Negrura se configuram como epistemologias insurgentes capazes de reposicionar o corpo negro como produtor de conhecimento, centro criador e agente político no campo das artes cênicas. Partimos da compreensão de que "ler o mundo com olhos negros" não é metáfora interpretativa, mas movimento epistêmico que convoca memória, ancestralidade, gesto e fabulação como tecnologias críticas aptas a desestabilizar o universalismo eurocentrado que estruturou a cena ao longo da história. A Estética da Atitude, ancorada no legado do Teatro Experimental do Negro e nas formulações de Abdias Nascimento, aparece como uma ética de presença que transforma cada gesto em afirmação política e cada corpo em arquivo vivo de resistência e criação. A Poética da Negrura, fundamentada nas reflexões de Leda Maria Martins, afirma a negrura como matriz simbólica e epistemológica, articulando oralitura, memória diaspórica, tempo espiralar e fabulação como princípios estéticos e modos de existir. Metodologicamente, a pesquisa articula análise documental, abordagem afrocentrada e análise de conteúdo para compreender os atravessamentos entre esses dois campos. Concluímos que as estéticas e poéticas negras não apenas interpretam o mundo: elas o recriam, abrindo fissuras nas fronteiras entre arte, política e conhecimento e instaurando outras formas de presença, leitura e imaginação.

Palavras-chave: Estética da Atitude; Poética da Negrura; Epistemologias Negras; Pedagogia da Insurgência; Descolonização do Corpo.

LIMA, Evandro Nunes de; SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. ESTÉTICA DA ATITUDE E A POÉTICA DA NEGRURA: LENDO O MUNDO COM OLHOS NEGROS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p.1-21, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Abstract

We investigate how the Aesthetics of Attitude and the Poetics of Blackness are configured as insurgent epistemologies capable of repositioning the Black body as a producer of knowledge, a creative center, and a political agent within the field of performing arts. We begin from the understanding that "reading the world with Black eyes" is not an interpretive metaphor, but an epistemic movement that summons memory, ancestry, gesture, and fabulation as critical technologies capable of destabilizing the Eurocentric universalism that has shaped the stage throughout history.

The Aesthetics of Attitude, anchored in the legacy of the Black Experimental Theater and the formulations of Abdias Nascimento, appears as an ethics of presence that transforms each gesture into a political affirmation and each body into a living archive of resistance and creation. The Poetics of Blackness, grounded in the reflections of Leda Maria Martins, asserts Blackness as a symbolic and epistemological matrix, articulating oraliture, diasporic memory, spiral time, and fabulation as aesthetic principles and modes of existence.

Methodologically, the research articulates documentary analysis, an Afro-centered approach, and content analysis to understand the intersections between these two fields. We conclude that Black aesthetics and poetics not only interpret the world: they recreate it, opening fissures in the boundaries among art, politics, and knowledge, and establishing other forms of presence, reading, and imagination.

Keywords: Aesthetics of Attitude; Poetics of Blackness; Black Epistemologies; Pedagogy of Insurgency; Decolonization of the Body.

Resumen

Investigamos cómo la Estética de la Actitud y la Poética de la Negritud se configuran como epistemologías insurgentes capaces de reposicionar el cuerpo negro como productor de conocimiento, centro creador y agente político en el campo de las artes escénicas. Partimos de la comprensión de que "leer el mundo con ojos negros" no es una metáfora interpretativa, sino un movimiento epistémico que convoca memoria, ancestralidad, gesto y fabulación como tecnologías críticas capaces de desestabilizar el universalismo eurocentrado que estructuró la escena a lo largo de la historia. La Estética de la Actitud, anclada en el legado del Teatro Experimental del Negro y en las formulaciones de Abdias Nascimento, aparece como una ética de presencia que transforma cada gesto en afirmación política y cada cuerpo en archivo vivo de resistencia y creación. La Poética de la Negritud, fundamentada en las reflexiones de Leda Maria Martins, afirma la negritud como matriz simbólica y epistemológica, articulando oralitura, memoria diaspórica, tiempo espiralado y fabulación como principios estéticos y modos de existir. Metodológicamente, la investigación articula análisis documental, enfoque afrocentrado y análisis de contenido para comprender los atravesamientos entre estos dos campos. Concluimos que las estéticas y poéticas negras no solo interpretan el mundo: lo

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

recrean, abriendo fisuras en las fronteras entre arte, política y conocimiento, e instaurando otras formas de presencia, lectura e imaginación.

Palabras clave: Estética de la Actitud; Poética de la Negritud; Epistemologías Negras; Pedagogía de la Insurgencia; Descolonización del Cuerpo

.

1 INTRODUÇÃO

Há pesquisas que surgem como lampejos, esta nasce como testemunho. Não se ergue no vazio, mas sobre um percurso que se inscreve no corpo antes de se fazer palavra. Esta escrita emerge do entrelaçamento entre experiência, memória e teoria - e de um engajamento que reconhece que pensar também é forma de permanecer. Assumo aqui que a reflexão não se oferece como olhar distanciado, mas como posicionamento implicado: é de dentro, e nunca de fora, que esta análise se levanta.

Trata-se de uma reflexão guiada por um modo de ver que sente e que sabe que olhar é também ato político. Ler o mundo com olhos negros significa reconhecer que cada imagem, cada gesto estatal e cada silêncio opera uma gramática racial que organiza corpos e futuros, ou seja, “buscamos criar um mundo onde todos possamos olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhos” (hooks, 2019, p. 39). Esse gesto não se limita ao campo sensível: é deslocamento epistêmico; é insurgência contra narrativas autoritárias e contra o suposto universal que sustenta as hierarquias do ver, do saber e do existir.

A colonização nos impôs lentes deformadas, filtros que apagaram presenças, interditaram subjetividades e sequestraram nossa possibilidade de narrar. O racismo estrutural naturalizou-se como moldura, definindo quem poderia ser reconhecido como belo, inteligente, sensível ou civilizado. Nesse contexto, hooks (2019) provoca

> A partir de qual perspectiva política nós sonhamos, olhamos, criamos e agimos? Para aqueles que ousam desejar de modo diferente, que procuram desviar o olhar das formas convencionais de ver a negritude e nossas identidades, a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o *status quo*. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

> nossas visões de mundo (...). Abrir espaços para imagens transgressoras, para a visão rebelde fora da lei, é essencial em qualquer esforço para criar um contexto para a transformação (2019, pp. 36-37).

Somos provocados pois, nesse horizonte de deslocamento do olhar e de reinvenção das imagens que se inscreve a noção de imaginação política, ao propor um outro modo de ver e existir, rompendo modelos que bloqueiam a capacidade de enxergar-se e projetar-se em outras perspectivas. Sua formulação nos convoca a repensar o mundo desde uma estética e uma poética em que negrura e atitude não sejam exceção, mas princípio organizador.

Assim, ler o mundo com olhos negros é afirmar uma posição epistêmica que vincula crítica, criação e memória. Implica assumir a potência de epistemologias originadas na diáspora, validadas em práticas comunitárias, saberes corporificados e narrativas insistentemente silenciadas (TOWA, 2015; CÉSAIRE, 2010). Trata-se de denunciar estruturas, mas também de inventar outras rotas, outros tempos e outras formas de existir.

Diante desse cenário, o objetivo deste artigo é analisar como a Estética da Atitude e a Poética da Negrura, enquanto fundamentos conceituais e operativos, contribuem para processos de criação cênica comprometidos com a descolonização dos corpos e com a valorização das epistemologias negras. A discussão ancora-se em abordagem qualitativa e crítico-interpretativa, articulando análise de registros, memórias e processos criativos de artistas negros, em diálogo direto com Abdias Nascimento[1] e Leda Maria Martins[2] cujas formulações reposicionam a cena como território de memória, corpo, performatividade e insurgência.

Metodologicamente, empreende-se uma análise crítico-interpretativa de materiais documentais e processos de criação, buscando evidenciar a cena como

[1] Abdias Nascimento (1914-2011) já foi descrito como o mais completo intelectual e homem de cultura do mundo africano do século XX. Poeta, escritor, dramaturgo, artista visual e ativista pan-africanista, ele fundou o Teatro Experimental do Negro e o projeto Museu de Arte Negra. Fonte:https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/

[2] Poeta, ensaísta, dramaturga, pesquisadora, doutora e Rainha de Nossa Senhora das Mercês. Fonte:https://www.ledamartins.com.br/sobre

Volume 2026
ISSN 2319-0868

campo de invenção estética e política em que a negrura opera como categoria criadora e epistemológica.

Neste percurso, sustenta-se que:(i) a Estética da Atitude e a Poética da Negrura funcionam como dispositivos conceituais e corporais capazes de desestabilizar modelos hegemônicos de criação cênica; (ii) artistas negros reinscrevem a negrura como categoria estética, política e epistêmica na cena contemporânea; (iii) tais estéticas insurgentes contribuem para práticas pedagógicas e poéticas comprometidas com a descolonização dos corpos e das narrativas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Estética da Atitude: insurgência e reposicionamento do corpo negro

Há conceitos que se formulam como definição, outros se manifestam como deslocamento. A Estética da Atitude emerge desse segundo campo: inscreve-se primeiro no corpo e só depois se reconhece teoria. Enraizada em matrizes negras e afro diaspóricas, ela não se limita a interpretar a arte - reivindica transformá-la, ampliando, como propõe Brito Silva, “os processos de descolonização do saber, sentir, pensar e ser" (2022, p. 69). A estética, aqui, não opera como ornamento, mas como prática viva, fissura na estrutura colonial e afirmação da imagem produzida por quem historicamente foi impedido de se auto representar.

Compreendida como construto teórico-operativo, a Estética da Atitude articula estética, política e corporeidade a partir de matrizes culturais negras. Não reside apenas no produto artístico, mas no gesto que o engendra - no modo de pisar, tocar, sustentar o olhar, assumir presença. É insurgente porque desarticula enquadramentos coloniais e produz outras formas de existir; é atitude porque convoca consciência e ação, restituindo ao corpo negro sua soberania simbólica e criadora.

Essa estética não deriva de teorias externas: ela se forma nas experiências, nas memórias corporificadas, nos ritmos que atravessam temporalidades e territorialidades da diáspora. Suas bases dialogam com o Teatro Experimental do

REVISTA DA FUNDARTE

Negro (TEN)[3] e as formulações de Abdias Nascimento, assim como com as poéticas espirais de memória propostas por Leda Maria Martins, contribuindo para pensar teatralidades negras que aliam criação, ancestralidade e reinvenção. Trata-se de uma estética que recusa molduras eurocêntricas e afirma a sensibilidade negra como fundamento e horizonte.

Ao revisitarmos o Teatro Experimental do Negro (TEN), compreendemos que ele inaugurou não apenas um movimento, mas um método de enfrentamento ao racismo estrutural e ao epistemicídio. Conforme aponta Guilherme Diniz, o TEN constituiu-se, segundo seu líder, Abdias Nascimento, como "um multifacetado fórum de ideias, discussões e projetos, que se multiplicaram em distintas frentes de combate ao racismo brasileiro" (DINIZ, 2025, p. 24). Abdias Nascimento percebeu que a cena poderia ser ferramenta de disputa simbólica, pedagógica e política - cada corpo em cena funcionava como documento e denúncia, tornando visível o que fora sistematicamente apagado. Suas formulações afirmam que estar em cena é, para o corpo negro, tanto gesto artístico quanto reivindicação histórica (NASCIMENTO, 2016).

Os objetivos do TEN - valorizar a cultura africana, desconstruir estereótipos e confrontar normas eurocêntricas - ecoam na Estética da Atitude, que se consolida como herdeira e expansão desse projeto. Nessa perspectiva, estética e política não se separam: tornam-se matéria comum que desloca o olhar e convoca o espectador a reposicionar-se frente às narrativas dominantes.

Esse reposicionamento do corpo negro é simultaneamente simbólico e material. Simbólico, ao desmontar sentidos coloniais; material, ao exigir presença e espaço nos palcos, nas ruas e nas instituições que legitimam o conhecimento. Nesse movimento, a Estética da Atitude não se coloca como súplica ou pedido de reconhecimento: ela reivindica, tensiona e desloca as fronteiras entre arte, política e existência.

Ao constituir-se como gesto insurgente, essa prática revela também sua dimensão formativa. Ao desestabilizar o olhar colonial, educa o sensível e desloca

[3] Surgiu em 1944, no Rio de Janeiro, como um projeto idealizado por Abdias Nascimento (1914-2011), com a proposta de valorização social do negro e da cultura afro-brasileira por meio da educação e arte, bem como com a ambição de delinear um novo estilo dramatúrgico, com uma estética própria, não uma mera recriação do que se produzia em outros países.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

regimes hegemônicos de percepção, convertendo cada gesto em contra-arquivo e cada cena em produção de saber. Nesse horizonte, aproxima-se do que compreendemos como Pedagogia da Insurgência, na medida em que transforma a criação artística em campo de aprendizagem crítica, reconfiguração do sensível e elaboração de outras epistemologias e modos de existência. Assim, a cena deixa de ser apenas espaço de representação para afirmar-se como território de formação, invenção política e produção de conhecimento

Assim, a Estética da Atitude ultrapassa a condição de mero conceito para afirmar-se como estratégia de sobrevivência, reinvenção e produção de mundo. Ao reposicionar o corpo negro como agente, autor e produtor de sentidos, tensiona limites historicamente impostos e transforma o próprio ato de existir em gesto criador e político. Nesse processo, a negrura deixa de ser apenas categoria de identificação para afirmar-se como campo vivo de produção de conhecimento, de invenção estética e de transformação social.(NASCIMENTO, 1961; MARTINS, 1995).

2.2 Poética da Negrura: fabulação, memória e cosmopercepção

Há poéticas que nascem do silêncio e outras daquilo que resiste a ser silenciado. A Poética da Negrura surge desse lugar de insistência e retorno, da memória que incandesce e da imaginação que ultrapassa molduras coloniais. Ela se afirma como prática que articula técnica, ancestralidade e visão, reconhecendo a cultura afro-diaspórica como força estética e política capaz de tensionar certezas e produzir novas formas de ver e existir.

É nesse campo de criação e deslocamento que a Poética da Negrura se constitui como território de fabulação, memória e cosmopercepção. Fabulação, porque cria narrativas e imagens capazes de deslocar as representações coloniais que historicamente enquadraram os corpos negros em regimes de silenciamento ou subalternização. Memória, porque convoca ancestralidades e reinscreve no presente saberes, gestos e experiências que atravessam gerações. Cosmopercepção, porque articula modos de sentir, perceber e compreender o mundo que escapam às epistemologias eurocentradas e reconhecem a multiplicidade de temporalidades, espiritualidades e formas de existência presentes nas culturas negras.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Nesse horizonte insurgente, palavra, gesto e imagem convertem-se em instrumentos de contestação e afirmação. Trata-se de um exercício crítico que convoca o pensamento a partir de um lugar epistêmico comprometido com o reconhecimento das memórias ancestrais, das práticas comunitárias e dos saberes corporais, como sugere Marcien Towa (2015). Nessa perspectiva, reivindica-se também a revalorização do ser negro e a necessidade de reencontrar, nas culturas africanas e afrodescendentes, a dignidade historicamente violentada pela colonização, conforme propõe Aimé Césaire (2010).

Assim, a negrura deixa de ser compreendida como representação caricatural para afirmar-se como território sensível, histórico e inventivo a partir do qual narramos, criamos e lemos o mundo. Como argumenta Brito Silva (2022), essa poética reposiciona os debates sobre sensibilidade, estética e educação ao nutrir outras maneiras de sentir, imaginar e produzir conhecimento desde as experiências negras.

Essa poética ultrapassa os limites de uma dramaturgia estritamente textual, manifestando-se nas oralituras, nos rituais, nas performances e nos gestos cotidianos que transmitem saberes ancestrais de corpo a corpo e de tempo a tempo (MARTINS, 1995, 1997, 2021). Nesta escrita, as relações entre poética e negrura são delineadas a partir da trilogia de Leda Maria Martins.

Em *A Cena em Sombras* (1995), a negrura aparece como força que fende a fala e a imagem, rompendo com a lógica espetacular do teatro convencional e instaurando uma noção figurativa e semiótica de signo plural, capaz de tensionar o status quo e constituir-se simultaneamente como enunciação e enunciado. Já em *Afrografias da Memória* (1997), a negrura é compreendida como afrografias rituais, uma tessitura material que emerge dos ritos, dos territórios, das práticas culturais e da relação entre espectadores e atuantes, inscrevendo nas paisagens sonoras, corporais e sagradas modos afro-diaspóricos de interação com o mundo. Por fim, em *Performance do Tempo Espiralar* (2021), a negrura é pensada como episteme plural e polivalente, manifestando-se na forma de oralitura, isto é, como produção de conhecimento que articula corpo, memória, voz e temporalidade.

Sendo assim, a negrura, a partir destas formulações, pode ser compreendida como marco simultaneamente estético, teórico e epistêmico, no qual se afirma como

Volume 2026
ISSN 2319-0868

princípio de criação e categoria simbólica que articula ancestralidade, memória e imaginação. Nesse sentido, não se restringe à dimensão da identidade racial, mas se constitui como um campo fértil de invenção estética e de produção de conhecimento.

Se a Estética da Atitude encontra força no projeto político do Teatro Experimental do Negro, a Poética da Negrura se fundamenta nas formulações de Leda Maria Martins. Negrura, aqui, não é essência, mas trama: rede complexa que interliga memória, resistência e criação. Essa poética não representa o corpo negro, parte dele, como fonte, território e método.

Forjada na experiência diaspórica, transforma o corpo negro em campo de invenção e afirmação. Estética e política se entrelaçam: palavra, gesto e presença não respondem apenas ao mundo, propõem. Denunciam apagamentos, instauram memórias e reconfiguram mundos. Nesse processo, a fabulação torna-se ferramenta vital, não como fuga, mas como ampliação. Fabular é projetar realidades a partir de perspectivas silenciadas pela história oficial, restituindo sentidos e deslocando símbolos. Fabular é libertar o pensamento.

Nessa poética, memória não é arquivo estático: é matéria viva inscrita no ritmo, na oralidade e nos corpos. Circula, pulsa e confronta o apagamento colonial ao reinscrever experiências negras no campo simbólico da cena. Já a cosmopercepção orienta modos de perceber e organizar o mundo ao integrar dimensões materiais e espirituais e conceber o tempo como espiral (MARTINS, 2021). Essa percepção configura temporalidades, inflexões estéticas e caminhos simbólicos para quem compartilha dessa herança ou se dispõe a ver com outros olhos.

Fabulação, memória e cosmopercepção constituem o núcleo da Poética da Negrura. Não apenas comovem, deslocam. Elas formam modos de pensar e educar o olhar ao tensionar estruturas coloniais e afirmar a centralidade da experiência negra nos processos de criação. Essa poética não se ocupa apenas da representação, ocupa-se da presença. Não fala sobre negritude, fala a partir dela articulando memória, identidade, resistência e performance numa perspectiva de valorização e promoção da cultura afro-brasileira, confrontando as narrativas eurocêntricas e coloniais, reivindicando o espaço e a voz.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Ao reposicionar a negrura como modo de criar, narrar e existir, a Poética da Negrura devolve à experiência negra o direito de auto inscrição e projeta futuros. Futuros concebidos na encruzilhada entre memória e invenção, tradição e reinvenção. Futuros que insistem, que resistem, que criam.

2.3 Convergências: estética e poética como insurgência epistêmica

Há encontros conceituais que não se limitam à teoria, eles reorganizam o corpo e o modo de existir. A convergência entre a Estética da Atitude e a Poética da Negrura configura um desses encontros em que não há neutralidade possível: cada gesto assume valor argumentativo e cada narrativa se torna território. Esses campos não se justapõem, dialogam e se potencializam. A estética firma o chão e a presença, a poética expande o imaginário e projeta futuros. Juntas, reposicionam o corpo negro não apenas na cena, mas nas estruturas sociais que historicamente o restringiram.

Aqui, a estética não se reduz ao visível: constitui ética da postura, disciplina do olhar e afirmação de existência. Cada presença desmonta narrativas coloniais e inaugura outras, tensionando o que se afirmou como imutável. Tal compreensão dialoga com a Negritude de Aimé Césaire (2010) ao evidenciar a violência inscrita nos projetos civilizatórios e convocar uma descolonização que atravessa dimensões políticas, sensíveis e ontológicas. Segundo Cesáire

> Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como tomada de consciência, da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade. (...) A Negritude resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito. Ela é um despertar; despertar de dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta. (...) em princípio contra o sistema mundial a cultura tal qual ele se constitui durante os últimos séculos e que se caracteriza por um certo número de preconceitos, de pressupostos que resultaram em uma hierarquia muito rígida. (2010, págs 109-110)

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A Negritude, tal como evocada no trecho, ultrapassa o campo identitário e se inscreve como gesto de insurgência epistêmica. Ao afirmar memória, dignidade e revolta, ela desloca os regimes coloniais de saber e institui outras formas de sentir, pensar e criar o mundo. Nesse sentido, sua dimensão estética e poética emerge como prática de resistência, capaz de reimaginar a cultura e reordenar as hierarquias impostas pela colonialidade.

Desse modo, a consciência insurgente evocada pela Negritude não se limita ao campo da denúncia, mas projeta-se como força criadora que reconfigura modos de existir, sentir e produzir conhecimento. É nesse horizonte que a estética se afirma como território de disputa e reinvenção do mundo. Ao assumir a estética como gesto de disputa, ecoa-se a provocação de Towa (2015) “um povo que luta pela libertação busca reconquistar sua humanidade perdida, ou seja, o poder de se expressar e conceber, de decidir e de realizar o que ele decidiu” (p. 58). A Estética da Atitude converte-se, assim, em contraficção filosófica e política, enfrentamento e proposição de mundo a partir do corpo que percebe, afeta e restitui significado. Assim, insurgir não é apenas negar, mas reconstruir.

A Poética da Negrura, por sua vez, constitui o campo onde memória e invenção se entrelaçam. Não se limita a recordar, mas fabular: dá forma sensível ao que foi negado, imagina o que ainda não pôde ser vivido e projeta futuros sob novas gramáticas simbólicas. Quando hooks (2019) concebe o amor - enquanto ética e cuidado - como contra narrativa à desumanização, sua reflexão ressoa nessa poética como gesto político de afeto e de cura.

Nesse território em que o corpo narra, alinham-se reflexões como as de Brito Silva (2022), que desloca a noção de performance ao situar o corpo negro como arquivo vivo, documento e contestação simultaneamente. A poética não apenas expressa, denúncia, reorganiza e institui novas possibilidades de mundo.

A convergência entre estética e poética também encontra ressonância em Leda Maria Martins, que concebe a performance como encruzilhada temporal, onde passado, presente e futuro se atravessam. Nesse sentido, a cena constitui um campo dinâmico de deslocamentos, pois “é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluência e alterações,influências e divergências, fusões e rupturas,multiplicidade e

convergência, unidades e pluralidade, origem e disseminação (MARTINS, 2021, p. 51). Tal perspectiva rompe com lógicas lineares e reinscreve fabulação e memória como epistemologias fundamentais para pensar a criação, a presença e a experiência negra na cena. Nesse horizonte, a estética opera como forma de pensamento, enquanto a poética atua como força de reinvenção. O corpo, o ritmo e a pausa tornam-se dispositivos de conhecimento e insurgência.

A insurgência epistemológica que emerge dessa convergência aproxima-se do legado de Abdias Nascimento, que concebe arte e política como dimensões inseparáveis de um mesmo projeto de existência negra. A poética se faz quilombo: abrigo e reinvenção - a estética se torna fronteira móvel -, que resiste à captura e insiste no porvir.

Insurgir, nesse contexto, é exercício de liberdade. Não aguarda aval. Acontece, e ao acontecer, cria comunidade, tece alianças e expande o possível. A convergência entre estética e poética não é adição, é costura viva, pulsante e em contínuo processo. Nela, ver, sentir e pensar deixam de operar isoladamente e se afirmam como prática conjunta de resistência, criação e futuro.

3 METODOLOGIA

Pesquisar, neste contexto, não se limita à interpretação de fontes: implica escutar vozes silenciadas e reconhecê-las como produtoras de teoria, método e futuros possíveis. Partimos da premissa de que investigar estética e poética negras requer deslocamento epistemológico, uma vez que o objeto de estudo não se localiza externamente, mas se manifesta nos corpos que leem, sentem e fabulam. Trata-se de conceber a pesquisa como prática situada, em que epistemologias negras informam tanto o olhar analítico quanto a fabulação crítica.

Adotou-se uma abordagem hipotético-dedutiva de caráter comparativo, articulando as formulações de Abdias Nascimento e Leda Maria Martins como campos que se confrontam, dialogam e tensionam sem hierarquização. Essa escolha metodológica decorre da necessidade de compreender como projetos estéticos e poéticos concebidos em temporalidades e geografias distintas

Volume 2026
ISSN 2319-0868

convergem para um mesmo horizonte: a descolonização do olhar e a reinscrição do corpo negro como sujeito e produtor de conhecimento na cena contemporânea.

Três procedimentos orientaram o percurso investigativo:

1. Pesquisa documental direta (LAKATOS; MARCONI, 2003), com levantamento e análise de obras e documentos referentes ao Teatro Experimental do Negro e às formulações de Leda Maria Martins, incluindo manifestos, registros cênicos e produções críticas.
2. Produção de conhecimento afrocentrada (BORGES, 2022), que pautou a leitura das fontes a partir de epistemologias negras, reconhecendo-as como sistemas de pensamento e contestando filtros coloniais que historicamente desautorizaram saberes diaspóricos.
3. Análise de conteúdo (BARDIN, 2011), empregada para identificar categorias emergentes das relações entre estética, poética, negrura, atitude e memória, compreendidas como campos conceituais em disputa.

O corpus organiza-se em dois eixos complementares:

1. O Eixo Estético, baseado em textos e registros do Teatro Experimental do Negro nas obras de Abdias Nascimento. Nelas a estética aparece inseparável da política, da memória e da luta pela emancipação negra. No *Drama para Negros e Prólogo para Brancos* (1961), Abdias afirmar o teatro como espaço de reconfiguração estética e simbólica da presença negra. Ele questiona os padrões eurocêntricos da cena brasileira e reivindica uma estética fundada na experiência, na história e na dignidade negra. Já em *O Genocídio do Negro Brasileiro* (2016) a reflexão estética surge articulada à crítica estrutural do racismo. Denuncia como as representações culturais e artísticas participaram da desumanização do povo negro, e defende a criação de novas imagens, narrativas e símbolos capazes de romper com essa lógica colonial. Em *Quilombismo* (2019) a estética ganha dimensão civilizatória e

Volume 2026
ISSN 2319-0868

comunitária ao ser baseada na ancestralidade, na coletividade, na espiritualidade e na autonomia cultural, entendida como prática de resistência e construção de mundos.

2. O Eixo Poético, centrado nas produções de Leda Maria Martins que concebem a negrura como matriz epistêmica que articula corpo, ancestralidade, tempo e cena. Em *A Cena em Sombras* (1995), a negrura rompe a lógica espetacular do teatro e instaura um signo plural que tensiona o status quo, fazendo da cena lugar simultâneo de enunciação e enunciado. Já em *Afrografias da Memória* (1997) a negrura é entendida como afrografias rituais que, a partir de práticas culturais e territoriais, inscrevem modos afro-diaspóricos de relação e interação com o mundo. Por fim, em *Performances do Tempo Espiralar* (2021), a negrura é pensada como episteme plural que se manifesta na oralitura, articulando corpo, memória, voz e temporalidade.

O diálogo com bell hooks em *Olhares Negros: raça e representação* (2019) atua como elemento transversal que tensiona ambos os eixos, ao problematizar regimes do olhar e as disputas em torno da imagem. Sua reflexão contribui para compreender estética e poética como arenas concretas de produção de narrativas, afetos e subjetividades. Nesse sentido, a autora reivindica a criação de outras imagens, narrativas e sensibilidades negras capazes de romper com a lógica colonial da representação e instaura modos insurgentes de ver, sentir e narrar o mundo.

A escrita metodológica assume caráter dialógico ao articular exposição conceitual e fabulação crítica. Essa escolha não responde a um artifício estilístico, mas a um reconhecimento epistemológico: no campo da estética e da poética negras, o ato de pesquisar é também ato de criação. Ver e imaginar se constituem procedimentos políticos. A análise, assim, acolhe a complexidade e a polissemia dos conceitos, evidenciando fricções e convergências sem submetê-los a paradigmas que os reduzam.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Nesta investigação, o método é compreendido como travessia - processo situado, não neutro, que reconhece que produzir conhecimento sobre estética e poética negras implica também participar da sua reinvenção.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Ler o mundo com olhos negros: deslocar o centro, fabular o futuro

Ler o mundo com olhos negros implica compreender que a arte não apenas representa a realidade, mas a disputa pela sua interpretação. Trata-se de uma tecnologia de percepção capaz de desestabilizar enquadramentos coloniais que determinam quem olha, quem é olhado e quem teve seu olhar interditado. Como argumenta bell hooks (2019) “apenas mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos. Neste processo, buscamos criar um mundo onde todos possam olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhos” (p. 39). Ao reposicionar o corpo negro como lente, narrador e campo de produção de conhecimento, esse gesto insurgente desmonta a arquitetura epistêmica que consolidou um centro universal, supostamente neutro.

No campo das artes cênicas, esse reposicionamento se materializa quando o palco deixa de ser compreendido como dispositivo neutro e passa a ser reconhecido como território de disputa simbólica. A presença negra em cena não interpreta um papel previamente moldado: restitui narrativas sequestradas e reinscreve histórias interditadas. Práticas recorrentes em criações afrocentradas - como a suspensão do texto para privilegiar respiração, pausa ou silêncio sustentado - tensionam a temporalidade moderna e evidenciam ritmos que escapam à métrica dominante. A pausa, nesse contexto, atua simultaneamente como marca, denúncia e afirmação política. O gesto, ao ocupar o centro da cena, desloca o olhar do espectador e revela que o público também está sendo visto. Esse jogo óptico produz consciência crítica.

A Estética da Atitude - inspirada na proposta de estética negra gestada no Teatro Experimental do Negro - sustenta a compreensão de que nenhuma presença

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

negra em cena é neutra. A estética emerge como postura ética, disputa ontológica e forma de existência, em que cada gesto recusa o apagamento, cada postura reinscreve presença e cada respiração confronta a violência histórica. Entretanto, a presença, isolada, pode ser capturada e convertida em exotização. É nesse ponto que a Poética da Negrura - balizada pelo pensamento de Leda Maria Martins - adensa a cena, conferindo-lhe densidade simbólica e temporal. A negrura se apresenta como arquivo vivo: convocando oralitura, ritmo, canto e palavra. A poética desestabiliza a linearidade temporal e instaura o tempo espiralar, no qual passado, presente e futuro coexistem como dimensões performativas da cena.

O encontro entre atitude e negrura, estética e poética, delineia o que podemos conceituar como Pedagogia da Insurgência**.** Nesse horizonte, criação e formação tornam-se indissociáveis. A sala de ensaio converte-se em espaço de desaprendizagem de lógicas coloniais, enquanto o palco opera como sala de aula em que se fábula o possível. A prática cênica, ao incorporar roda, partilha de memórias, debate e escuta, evidencia que se ensaia mais do que uma cena: ensaia-se outro modo de existir. A criação deixa de ser produto final para assumir dimensão formativa e comunitária.

Fabular o futuro não configura fuga temporal, mas método crítico. A fabulação negra desafia a naturalização da realidade e inaugura mundos ao reconfigurar arquivos, corpos e símbolos. Observa-se esse movimento em dramaturgias que reescrevem mitos coloniais, em performances que subvertem iconografias e em poéticas que transmutam trauma em linguagem. O futuro, na cena, não se projeta como distante; manifesta-se como possibilidade incorporada no presente - um presente que se inventa em ato.

Assim, ler o mundo com olhos negros se consolida como prática contínua de crítica e criação, denúncia e imaginação, análise e gesto. A cena se converte em epistemologia, o corpo em arquivo e a prática performativa em reinvenção. Não se propõe a construção de um novo centro, mas a multiplicação de horizontes. Em última instância, afirma-se que a liberdade não se aguarda: ensaia-se. E cada cena é um ensaio no presente de futuros ainda sem nome.

LIMA, Evandro Nunes de; SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. ESTÉTICA DA ATITUDE E A POÉTICA DA NEGRURA: LENDO O MUNDO COM OLHOS NEGROS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p.1-21, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

5 CONCLUSÃO

Há pesquisas que interpretam o mundo, e há aquelas que se arriscam a deslocá-lo A reflexão aqui desenvolvida buscou demonstrar que a Estética da Atitude e a Poética da Negrura não constituem apenas categorias analíticas ou referenciais estéticos, mas arquiteturas de pensamento, modos de existência e tecnologias de criação situadas, esta pesquisa oferece ao campo das artes cênicas uma contribuição singular: reconhecer essas epistemologias como metodologias de fabulação crítica e produção de conhecimento, capazes de gerar ruptura e inovação estética em escala conceitual, política e pedagógica.

Ao evocar as proposições de Abdias Nascimento, Leda Maria Martins e o diálogo com referenciais afrocentrados contemporâneos, foi possível compreender de forma inequívoca, que ler o mundo com olhos negros não é gesto interpretativo, mas ato de reposicionamento epistêmico que desestabiliza os alicerces do universalismo eurocentrado e rompe com a lógica colonial que sustentou a cena moderna e seus regimes de visibilidade.

A Estética da Atitude**,** como vimos, se afirma como ética da presença e da insurgência, reivindicando o corpo negro como território político e espiritual. Ao tensionar as gramáticas eurocêntricas da cena, ela rompe enquadramentos coloniais e instaura novas centralidades, tornando o palco um espaço de denúncia e celebração. Por sua vez, a Poética da Negrura oferece a espessura temporal e simbólica que ancora essa presença: tempo espiralar, memória encarnada, oralitura e fabulação como modos de resistir e reinventar.

A convergência dessas dimensões funda o que chamamos de Pedagogia da Insurgência**:** um conceito que delimita e legitima uma forma de produzir arte e pensamento que dissolve as fronteiras tradicionais entre teoria e prática, criação e ensino, pesquisa e vida. Ao propor o palco como sala de aula e a sala de aula como cena, esta investigação sustenta que a produção de conhecimento negro não se constrói a partir de lentes externas, ela se afirmar como premissa e matriz de pensamento. Nessa perspectiva, as estéticas e as poéticas afro-diaspóricas não complementam o campo, elas o reinventam. Assim, o corpo negro deixa de ser objeto de estudo para tornar-se agente produtor de ciência, forma e futuro.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Outro avanço crucial consolidado aqui é o enquadramento da fabulação negra não como fuga ou metáfora, mas como método de reescrita do real. Ao evidenciar, na prática cênica, como silêncios, pausas, deslocamentos e ritmos, reconfiguram as estruturas narrativas e performativas hegemônicas, demonstramos que fabular o futuro é inscrever, no presente, a possibilidade concreta de outras existências. Trata-se de um movimento que não pede permissão, não replica moldes, não opera por assimilação**:** cria formas próprias de presença e invenção**.**

As implicações deste trabalho transbordam o campo artístico: deslocam políticas curriculares, tensionam critérios de legitimação institucional, reivindicam epistemologias historicamente subalternizadas e reafirmam que a descolonização não se cumpre apenas pelo enfrentamento, mas pela criação contínua de mundos habitáveis**.** Ao reconhecer a estética e a poética insurgentes como matrizes de conhecimento, abre-se um horizonte de pesquisa que convoca artistas, docentes, coletivos, comunidades e pesquisadores a participarem da construção de saberes sensíveis, racionais e corporificados.

Em síntese, a pesquisa aqui apresentada demonstra que ler, criar e viver com olhos negros significa recusar o campo passivo da interpretação e ingressar na arena ativa da invenção. Significa afirmar que o futuro não é destino, é gesto. Que a liberdade não é chegada, é processo. E que cada cena, seja no palco ou fora dele, pode ser semente de outras centralidades, outros tempos, outras formas de ser.

Consolidamos, portanto, a seguinte tese: a Estética da Atitude e a Poética da Negrura, quando compreendidas como epistemologias de criação e pedagogias insurgentes, expandem os limites da arte, da política e do conhecimento, reposicionando o corpo negro como origem e não como desdobramento, como centro múltiplo e não como margem. Encerramos afirmando que escrever, fabular, fazer e ver com olhos negros não apenas produz novas leituras do mundo: produz o próprio mundo**.** E é nesse gesto que o futuro deixa de ser objeto de espera e torna-se verbo no presente.

LIMA, Evandro Nunes de; SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. ESTÉTICA DA ATITUDE E A POÉTICA DA NEGRURA: LENDO O MUNDO COM OLHOS NEGROS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p.1-21, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Referências:

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a Negritude** / Aimé Cesairé; Carlos Moore (organizador) – Blo Horizonte: Nandyala, 2010

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BORGES, Larissa Amorim. **Metodologia de pesquisa afrocentrada e periférica**/ Larissa Amorim Borges. - Belo Horizonte: Marginalia, 2022. 180 p

BRITO SILVA, Greice Duarte de. **Poética Negras, formação e prática docente na educação infantil:** arte e estética (empre)tecidas/ Greice Duarte de Brito Silva. - 2022. 282.p -Tese Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação,Niterói, 2022.

DINIZ, Guilherme. **Teatro Experimental do Negro:** histórias, críticas e outros dramas: Guilherme Diniz. Prefácio de Leda Maria Martins. São Pualo: Temporal, 2025. 488pp., 20ils.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução Renato da Silveira. – Salvador : EDUFBA,2008. 194p

FERREIRA, Ana Letícia; FERREIRA BARROS , Marta Silene. A ARTE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO: UM OLHAR SÓCIO HISTÓRICO CULTURAL. **Revista da FUNDARTE**, *[S. l.]*, v. 59, n. 59, p. e1381, 2024. DOI: 10.19179/rdf.v59i59.1381. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1381. Acesso em: 4 dez. 2025.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação** / bell hooks; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 352 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Leda Maria. **A Cena em Sombras**. Série Debates. Teatro. Editora Perspectiva. São Paulo, 1995.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória:** O Reinado do Rosário no Jatobá. 1 ed., rev. e atual. São Paulo -Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997

MARTINS, Leda Maria. **Performance da Oralitura**: corpo, lugar da memória. In: Letras. TASCHETTO, Tania Regina (org.). Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras. Programa de Pós Graduação em Letras. n. 26, jun. 2003

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**/ Leda Maria Martins. - 1, ed. Rio Janeiro: Cobogó, 2021. 256 p.

REVISTA DA FUNDARTE

NASCIMENTO, Abdias. **Drama para Negros e prólogo para Brancos** - Antologia de Teatro Negro-Brasileiro. Rio de Janeiro. Edição do Teatro Experimental do Negro, 1961.

NASCIMENTO, Abdias. 1914 / 2011. **Sortilégio** / Abdias Nascimento: apresentação e prefácio: Elisa Larkin Nascimento;colaboradores Ângelo Flávio Zuhalê … [et al.]. 3.ed. -São Paulo:Perspectiva; Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, 2022. 160 p.

NASCIMENTO, Abdias. 1914 0 2011. **O genocidio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado / Abdias Nascimento. - 3-ed.- São Paulo : Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. 1914 0 2011. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista / Abdias Nascimento : com prefácio de Kabengele Munanga : e texto de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. – 1. ed. rev. – São Paulo : Editora Perspectiva ; Rio de Janeiro : Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **A energia do inconformismo.** In: Revista Dionysos, nº 28, 1988. page.106-120.

NASCIMENTO, Beatriz. Historiografia do quilombo. In: NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual**: possibilidades nos dias da destruição.São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô** / Muniz Sodré. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

TOWA, Marcien. **A ideia de uma filosófica negro-africana**./ Marcien Towa: {Tradução de Roberto Jardim da Silva}. – Belo Horizonte: Nandyala; Curitiba: NEAB-UFPR, 2015. 112p

Sites

https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/

https://www.ledamartins.com.br/

https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/teatro-experimental-do-negro-ten

Recebido em:10/12/2025 .
Aceito em:12/03/2026 .
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Evandro Nunes de Lima
Doutorando e Mestre em Educação.
Bolsista CAPES;
Integrante do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Relações Étnico Raciais e Alteridade.
Discente da Universidade Federal de Ouro Preto/ICHS.
Rua do Seminário, s/n – Centro, Mariana/MG/BR
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1693-4268
E-mail: evanndrun41@gmail.com

Erisvaldo Pereira dos Santos
Professor Titular da Universidade Federal de Ouro Preto.
Pós-Doutor em Filosofia e Teologia dos Jesuítas.
Chefe do Departamento de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e Indígenas
Rua do Seminário, s/n – Centro, Mariana/MG/BR
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3867-779X
E-mail: erisvaldo@ufop.edu.br

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

LIMA, Evandro Nunes de; SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. ESTÉTICA DA ATITUDE E A POÉTICA DA NEGRURA: LENDO O MUNDO COM OLHOS NEGROS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p.1-21, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE